

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Diário do Jde ABC

Class.: F. Mata Virgem

Data 23.04.89

Pg.: 170

LOURENÇO DIAFERIA

J90

Moi Sting, vous Raoni!

A última vez que falei com um índio, índio de verdade, foi perto da Barra do Una, no Litoral Sul. O cidadão, assim dito, estava de calças jeans, sem camisa e descalço, me pediu uma pinga. Chamei uma brama e dois copos. Perguntei quanto estava custando o arco e flecha que ele vendia. Ele me pediu o dobro do preço real e, talvez, a metade do que o arco e a flecha valiam, se se fosse levar na ponta da caneta o trabalho que lhe dava fabricar aquilo, um a um, uma vez que até hoje não se inventou uma máquina automática de fabricar arco e flecha.

Como todos os outros seus companheiros, é um miserável e agora está me contando coisas que não lhe perguntei. Dá impressão de que se tornou meu amigo, e eu amigo dele, pelo reles fato de eu mandar vir outra cerveja gelada e dividir com ele. Não me recordo como se chamava, isso não tem importância. Para chegar à choça onde mora é preciso pegar a estrada de terra batida e pedras agudas que passa pelas chácaras dos veranistas, pelas duas fábricas de blocos de cimento e pelo ranário do delegado de polícia rico. Uns vinte quilômetros bem andados, que ele, o índio, fazia todos os dias a pé, sem sandálias, carregando os arcos, as flechas e os colares de

contas coloridas. A choça do índio fica enrustida no meio do mato, perto de um espelho d'água onde não há peixes, mas onde germinam touceiras de taioba. O índio meu companheiro de cerveja não come taioba nem sabe que a verdura, nativa e bruta, é rica em ferro. Ele está acostumado a comprar no supermercado da cidade feijoadada em lata, que divide com as duas mulheres e os filhos das duas mulheres.

Parce ser um guarani dos velhos tempos, da tribo que se mandou do Paraguai e veio subindo por montes e escorregando por charcos infestados de moscas verdes e folhas verdes que cortam como lâminas. Até que descobriu o mar e ficou por aqui mesmo, espreitando a nudez atraente da civilização. Tem alguns direitos, entre eles o de estender seus arcos, flechas e colares na calçada da antiga Rodoviária, hoje desativada. Mas não pode pedir água nos restaurantes para não aborrecer os fregueses. A maioria dos bares o enxota com um olhar repulsivo e cheio de reprimendas. De tarde, quando a praia se esvazia e o sol fulge na areia, ele entra no azul do mar e nada como uma tartaruga mansa, emergindo a cabeça por segundos sobre a espuma das ondas. Vive de alegre. Seu

grupo, tempos atrás, chegou a constar de um folheto turístico como atração. Foi uma época feliz. Os ônibus aportavam com curiosidade, deles desciam mulheres compadecidas e homens com um sorriso complacente nos lábios. Foi então que ele ganhou a calça jeans, usada, como parecem ser todas as calças jeans de butikue.

Mais uma cerveja. Não sei se faço bem. Possivelmente o mais certo seria lhe oferecer um sanduíche de presunto e queijo na chapa, e é o que faço. Mas o índio diz que já comeu bananas em quantidade suficiente para o almoço e a janta. Reparo agora que sua barriga é redonda, estufada, barriga de vermes. Seu umbigo parece um olho cego recoberto por uma pálpebra escura e grossa. As unhas dos pés são grandes. As canelas grossas do exercício de caminhar pelos morros.

Eu tinha de ir embora, ele perguntou se não ia levar o arco e a flecha. Escolhi um par, dei o dinheiro, fiquei me perguntando que diabo iria fazer com aquilo. E me perguntando o que iria o pobre guarani fazer com a nota que lhe depusitei nas mãos. Se ele vendesse todos os arcos e todas as flechas e todos os colares de contas não teria o dinheiro suficiente para sustentar a família durante dois dias, mas eles vi-

vem assim mesmo, e não têm outra maneira de viver senão assim mesmo. Quando asfaltarem a estrada, serão tangidos morro acima. E depois que a estrada chegar no cimo do morro, eles vão descer para o outro lado do morro. Até que morrem, e tudo bem.

Estou pensando nesse índio guarani semibárbaro, semicivilizado, semiquaquer-coisa no justo momento em que o cacique Raoni, da tribo dos txucarramães, é levado a Paris e instalado no Hotel George V, diária de 400 dólares, sob a orientação tutelar do roqueiro Sting. Está sendo um sucesso, nem poderia deixar de ser. Os franceses não é todo dia que podem ver um cacique brasileiro com o lábio inferior deformado por um enfeite de osso. Um exotismo fora-de-série. O que se passará na cabeça do cacique Raoni? O que lhe servirão no almoço, depois do "couvert"? Qual será o sabor da "flut" do "Veuve Clicquot"? Cacique come escargots? Em que língua ele se manifesta? Saberá pedir uma brama gelada em francês? E depois? E depois de tudo, que restará disso?

Tomara que, ao menos, Raoni consiga vender em Paris alguns arcos e flechas... Em dólar, u-la-la!
